

Programa Liderar: esperançando com a juventude do campo na Bahia

Leadership program: hope with rural youth in Bahia

Gilca Garcia de Oliveira
Universidade Federal da Bahia (UFBA),
Salvador, BA, Brasil.

Edite Luiz Diniz
GeografAR/Universidade Federal da Bahia (UFBA),
Salvador, BA, Brasil.

Informações do artigo

Recebido em 03/03/2026

Aceito em 05/08/2026

doi: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2026.n267.p307-326>

Copyright (c) 2025 Gilca Garcia de Oliveira e Edite Luiz Diniz.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](#).

Você é livre para:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer meio ou formato.

Adaptar — remixar, transformar e construir sobre o material para qualquer finalidade, mesmo comercialmente.

Como ser citado (modelo ABNT)

OLIVEIRA, Gilca Garcia de;
DINIZ, Edite Luiz. Programa Liderar: esperançando com a juventude do campo na Bahia. **Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades**. Salvador/Recife, v. 51, n. 267, p. 307-326, jan./abr. 2026. DOI: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2026.n267.p307-326>

Resumo

O campo brasileiro e baiano é marcado por desigualdades estruturantes históricas e simbólicas. A educação formal enquanto princípio emancipador se enquadra em elemento fundamental. O fechamento de escolas rurais revela um cenário de contínuo descaso do poder público com a população que as demandam. De acordo com o Fórum Nacional de Educação do Campo, das Águas e das Florestas (FONEC), no Brasil, de 2000 a 2024, foram fechadas 163.854 escolas, sendo 67,60% delas em territórios rurais. Na Bahia, a situação não é diferente, apenas entre 2017 e 2021, foram 20.337 paralisações e 5.521 fechamentos de escolas do campo. Na contramão desse cenário têm-se as Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) que versam em torno da formação, reconhecendo as especificidades dos estudantes da área rural por meio da pedagogia da alternância e na educação integral e comunitária. Forte aliada na formação de jovens lideranças no campo baiano está a Escola de Formação de Lideranças Populares, o Liderar, uma experiência que tem sua primeira turma em 2003 e segue formando jovens com expressão de liderança no sertão da Bahia.

Palavras-chave: Liderar; juventude; educação contextualizada.

Abstract

The Brazilian and Bahian countryside is marked by historical and symbolic structural inequalities. Formal education, as an emancipatory principle, is a fundamental element. The closure of rural schools reveals a scenario of continuous neglect by public authorities towards the population that needs them. According to the National Forum for Rural, Water and Forest Education (FONEC), in Brazil, from 2000 to 2024, 163,854 schools were closed, 67.60% of them in rural areas. In Bahia, the situation is no different; between 2017 and 2021 alone, there were 20,337 school closures and 5,521 school shutdowns in rural areas. In contrast to this scenario, there are the Family Agricultural Schools (EFAs), which focus on education that recognizes the specific needs of students in rural areas through the pedagogy of alternation and comprehensive and community-based education. A strong ally in the training of young leaders in the rural areas of Bahia is the School for the Training of Popular Leaders, Liderar, an initiative that had its first class in 2003 and continues to train young people with leadership potential in the interior of Bahia.

Keywords: Liderar, youth, contextualized education.

INTRODUÇÃO

O campo brasileiro é um território marcado por desigualdades. Desenhado por uma estrutura fundiária extremamente concentrada, na qual, por um lado, existem imensas áreas de monocultivo com todo o aporte de políticas públicas, crédito subsidiado e um bloco no poder representado pela denominada bancada ruralista (o Instituto Pensar Agro). Por outro lado, há famílias camponesas que lutam para sobreviver, tanto diante da violência e da expropriação de seus territórios quanto pela própria garantia de produção e reprodução social. Neste caso, elas contam com o apoio de movimentos sociais de luta pela e na terra, assessorias populares e setores da academia.

Essas desigualdades, em termos da questão agrária, revelam-se na estrutura fundiária que, conforme traz Germani (2010), é a representação numérica da dimensão da violência manifestada pela apropriação privada da natureza. A desigualdade no campo toma a estrutura agrária como amálgama das relações sociais que, historicamente, ali são travadas. Na educação formal, a expressão dessa violência reflete-se no fato de que ainda existem 11,4 milhões de brasileiros com mais de 15 anos (cerca de 7%, de acordo com o Censo Demográfico de 2022) que não sabem ler nem escrever. O Nordeste concentra 59,4% desse grupo, ou seja, 5,2 milhões de pessoas (IBGE, 2024). Assim, a taxa de analfabetismo no Nordeste é de 14,2%, o dobro da média nacional, e a da Bahia é um pouco menor, com 12,6% (IBGE, 2024). Já na área rural, a taxa de analfabetismo é aproximadamente três vezes maior que na zona urbana; dados do Censo indicam que a taxa de analfabetismo na área rural atinge 14,7% da população, enquanto na área urbana é de 4,1% (INCRA, 2024).

A resistência e a busca por alternativas de educação que respeitem as características do campo contam com várias iniciativas. As Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) surgiram no Brasil na década de 1960, no Espírito Santo, e tornaram-se referências marcantes de educação formal que combina educação integrada com tempo-escola e tempo-comunidade. São experiências desafiadoras que se desenharam e se aprimoraram ao longo do tempo, baseadas na Pedagogia da Alternância e na Educação Contextualizada e Emancipadora. De acordo com dados da Associação das Escolas das Comunidades e Famílias Agrícolas da Bahia (AECOFABA)[1], existem 155 unidades em todo o país, distribuídas em 22 estados, sendo que a Bahia concentra o maior número, com 33 unidades.

A Escola de Formação de Lideranças Populares, o Liderar, uniu-se a este processo a partir de discussões nas assembleias da Comissão Pastoral da Terra – Bahia (CPT-BA), em especial da região de Senhor do Bonfim, junto com movimentos e organizações camponesas, sobre a importância da formação de lideranças no campo. Esse processo teve início em 2002 e segue semeando conhecimento e colhendo esperanças.

O objetivo deste artigo é entender os desafios e as possibilidades da educação do/no campo com um enfoque específico: a preparação de jovens para o trabalho de base e o enfrentamento das lutas que os conflitos no campo impõem às suas comunidades. Este artigo busca refletir sobre a educação do campo e o papel do Liderar na formação de lideranças na Bahia. Nele, vou me permitir experimentar um modelo que foge do formato dos artigos científicos tradicionais — aquele formato no qual me sinto segura e confortável — e vou mediá-lo pelas minhas próprias impressões de uma experiência específica que se deu no ano de 2025, quando participei de um encontro de formação do Liderar juntamente com Antônio Célio Castro, da CPT, e Edite Diniz, do Grupo de Pesquisa A Geografia dos Assentamentos Rurais (GeografAR/UFBA). A primeira parte do texto traz informações e dados sobre as desigualdades no campo que motivam as EFAs e, com estas, o Liderar enquanto estratégias de resistência e enfrentamento. Na segunda parte, com a liberdade que a pesquisa-ação garante, é descrita a recente ação do Liderar na EFA de Itiúba, ocorrida no ano de 2025, como um relato atento, mas também desprendido e encantado por possibilidades, dedicação e reações de pessoas, constituindo um processo de pesquisa-ação. Aqui também se fará uso das ricas informações presentes na publicação “Sistematização da Experiência da Escola de Formação de Lideranças Populares – Liderar (2003 a 2019)”, realizada pela CPT Centro Norte / Diocese de Bonfim, na Bahia.

DESIGUALDADE ESTRUTURAL E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO

Construindo a caminhada de lutas
rumo à esperançosa luz da libertação.
Acreditar lutando para que possamos celebrar.
Povos, comunidades, movimentos sociais,
entidades de assessorias, num vigilante semear,
reinventando e realizando coletivas ações educativas,
enfrentando a maldade imposta pela opressão,
geradora de exclusão, marginalização,

racismo, discriminação.¹

(Edite Diniz, 2025)

A estrutura fundiária reflete as relações sociais no campo e sua principal expressão é o Índice de Gini-Terra que pode ser construído a partir dos dados do Censo Agropecuário. Este índice varia entre 0, menor concentração, e 1, maior grau de concentração. Para o Brasil foi calculado em 0,867 e para a Bahia 0,849, ambos considerados forte a muito forte. Dos 417 municípios baianos, 70% (291) com IG-Terra entre 0,701-0,900, considerado de forte a muito forte; 8% (33) apresentaram IG-Terra entre 0,901 e 1, que é considerado de muito forte a absoluto”.

Conforme os dados do Censo Agropecuário de 2017, no Brasil, as áreas de até 50 hectares ocupam 12,77% da área dos estabelecimentos e representam 81,40% dos estabelecimentos; enquanto as áreas acima de 2.500 hectares ocupam 0,33% da área e representam 32,84% dos estabelecimentos. Na Bahia, o cenário guarda muita semelhança em seus quase 28 milhões de hectares declarados por 915.342 estabelecimentos. Os estabelecimentos de até 50 hectares ocupam 21,76% da área e representam 89,10% dos estabelecimentos; enquanto as áreas com mais de 2.500 hectares são 0,13% dos estabelecimentos em 26,86% da área. Esta estrutura desigual representa relações sociais que são expressas em disputas, violência, desassistência.

Os habitantes do campo no Brasil são negligenciados em seus direitos de dignidade humana determinados pela Constituição Federal de 1988 – chamada “Cidadã” – em todas as suas dimensões. E a educação formal é apenas mais um desses elementos de exclusão. Exclusões que são impostas por uma formação socioeconômica que não reconhece o rural camponês como território de vida, de direitos e de respeito.

Recente nota pública do FONEC denuncia que, no Brasil, de 2000 a 2024, foram fechadas 163.854 escolas, sendo 110.758 em áreas rurais e 53.096 em áreas urbanas (FONEC,

¹ As citações utilizadas nesse artigo são referentes ao artigo de Edite Diniz gestado durante a atividade da Formação da 8ª Turma do Liderar sob o título “LIDERAR: Educação Pé no Chão. Comissão Pastoral da Terra (CPT), Espalhando Sementes, Formação na Ação”. O texto completo encontra-se em: www.geografar.ufba.br.

2026). A nota é finalizada com as palavras de ordem “Nenhuma escola a menos! Fechar escola é crime! Raízes se formam no campo! Escola é vida na comunidade!”.

De acordo com o Diagnóstico das Escolas do Campo da Bahia (2025), o fechamento de escolas do campo no Nordeste foi mais intenso, sendo que, em 2019, foram extintas mais de 29 mil escolas. Na Bahia, entre 2017 e 2021, foram 20.337 paralisações e 5.521 fechamentos de escolas do campo (Ramos, 2025).

Ainda de acordo com o Diagnóstico (2025), o Censo de 2023 traz 10.144 escolas rurais na Bahia, o que revela uma redução de 5.794 unidades escolares na série histórica 2017-2023, uma redução de 36,4%. Conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) presentes no referido Diagnóstico, 563 destas escolas estavam localizadas em áreas de comunidades remanescentes de quilombo, 67 em terras indígenas, 287 em áreas de assentamento de reforma agrária e 68 em áreas de povos e comunidades tradicionais. No período, 7.422 escolas estavam em atividade, 2.435 foram paralisadas e três escolas em atividade foram extintas.

No Censo 2022, do IBGE, a taxa de analfabetismo no Brasil é de 7% para a faixa com 15 anos ou mais, o que representa uma queda de dois pontos percentuais em relação aos 9,6% registrados no Censo de 2010. Isso equivale a 11,4 milhões de brasileiros com 15 anos ou mais que não sabem ler uma receita de bolo ou escrever um simples bilhete. Na região Nordeste, a taxa de analfabetismo é de 14,2%, o dobro da média nacional. Na Bahia, essa taxa é de 12,6%, ou seja, 5,6 pontos percentuais acima da média do Brasil, colocando o estado como o nono com a maior taxa de analfabetismo do país. Ainda assim, observa-se uma redução significativa de quatro pontos percentuais em relação aos 16,6% registrados em 2010. No estado, cerca de 1,4 milhão de pessoas encontram-se na condição de analfabetas (IBGE, 2023).

Em tempos de fechamento deliberado de escolas em territórios rurais como estratégia de desvalorização do rural e do campesinato e de conter as lutas dos povos e comunidades tradicionais, o Liderar se apresenta como uma experiência de resistência e enfrentamento anima o futuro de jovens lideranças rurais camponesas. Tal experiência é um feixe iluminado por possibilidades enquanto estratégia de enfrentar projetos de desenvolvimento que não incluem os sujeitos populares no campo e promovem o êxodo rural, a desesperança, a violência agrária.

ESCOLA DE FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS POPULARES: O LIDERAR

Rever, sistematizar cada prática de laboriosas ações.
 Cuidadosamente sistematizar experiências de lutas,
 contar a geo-história das comunidades,
 a espacialização da luta.
 Firmando os pés no chão e as mãos em outras mãos,
 firmes na educação,
 realidade e verdade construídas na contramão.
 Com garra semear e fortalecer a luta
 pela coletiva libertação.
 Pesquisar, registrar, aprofundar, avaliar,
 e nos erros compreender, rever, aprender o valor de cada lição...
 (Edite Diniz, 2025)

A Escola de Formação de Lideranças Populares, o Liderar, surge a partir de discussões nas assembleias da CPT e em espaços dos movimentos e organizações em torno da necessidade de se formar lideranças, militantes de base e animadores das lutas. O objetivo principal que se busca alcançar é:

[...] lideranças formadas e capacitadas no conhecimento crítico da realidade sócio-político-econômico-ambiental-cultural fortalecem a organização e a luta por direitos através dos movimentos populares, comunidades tradicionais (fundo de pasto e quilombolas), impactados pela mineração, empresas eólicas e outros empreendimentos do capital. (CPT; Centro Norte; Diocese Bonfim, 2022, p. 12)

Com essa missão se iniciou, em 2002, a jornada do Liderar, que tem como território de ação inicial a Escola Família Agrícola do Sertão (EFASE) de Monte Santo, com turmas constituídas por jovens e adultos, priorizando a presença de jovens.

Como se gesta e se faz o Liderar²

O Liderar na sua caminhada de 2003 a 2019,
Diocese de Senhor do Bonfim/BA.
Equipe da CPT
enfrentando processos que desafiam e ameaçam
o viver coletivo de comunidades,
movimentos sociais e suas lideranças.
(Edite Diniz, 2025)

Entre os anos de 1999 e 2001, cresceu o entendimento da necessidade de formar lideranças, animadores e militantes de base. Em 2002, o Liderar passou a ser desenhado com a assessoria de Ademar Bogo, que traz na sua bagagem a experiência da vida do campesinato, das lutas na militância do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e da formação acadêmica. E constituiu-se uma Equipe Pedagógica formada por representantes da CPT, das organizações e movimentos envolvidos que atuaria no planejamento, monitoramento, acompanhamento e avaliação dos processos.

E, assim, em 2003 se iniciou a primeira das oito turmas do Liderar, que contam ainda com momentos intermediários de formação, chamados “Liderarzinho”, e duas turmas inconclusas pela ocorrência da pandemia da Covid-19.

A metodologia utilizada é da autonomia dos sujeitos, pela qual todos são responsabilizados pelas atividades. Paulo Freire, na *Pedagogia da Autonomia* (1996) e em tantos outros pensares e falares, se faz presente em cada canto e em cada ação conjunta, no respeito mútuo, no compromisso coletivo – na educação libertadora praticada nesse percurso.

As temáticas do Liderar versam sobre o conhecer a história concreta da formação socioeconômica do Brasil; a questão agrária e os movimentos populares; o Estado e sua apropriação pelas forças do capital; as interseccionalidades das relações de gênero, classe e de raça; a produção agroecológica como saber e prática libertadora e de soberania dos povos. O que ilumina e dá vida aos trabalhos pedagógicos é a mística sertaneja e popular fundada em cantos, poemas, danças etc., a escuta atenta e responsável, a valorização dos mártires,

² Esse tópico toma como referência o documento “Sistematização da Experiência da Escola de Formação de Lideranças Populares - Liderar (2003 a 2019)” produzido pela Comissão Pastoral da Terra / Centro Norte / Diocese do Bonfim (BA).

lutadoras e lutadores, que inspiram os jovens no difícil enfrentamento que as relações sociais no campo impõem.

O Liderar não tem seu tempo enquadrado em rígidas datas formativas, mas se desenvolve de acordo com a realidade concreta dos tempos da vida social e política e dos sujeitos envolvidos. No entanto, existe um enquadramento de elementos a serem tratados e ações a serem cumpridas no tempo-escola e no tempo-comunidade, contando com tarefas de casa, sistematização de experiências populares e de conteúdos e projetos de intervenção e resolução de problemas nas e com as comunidades.

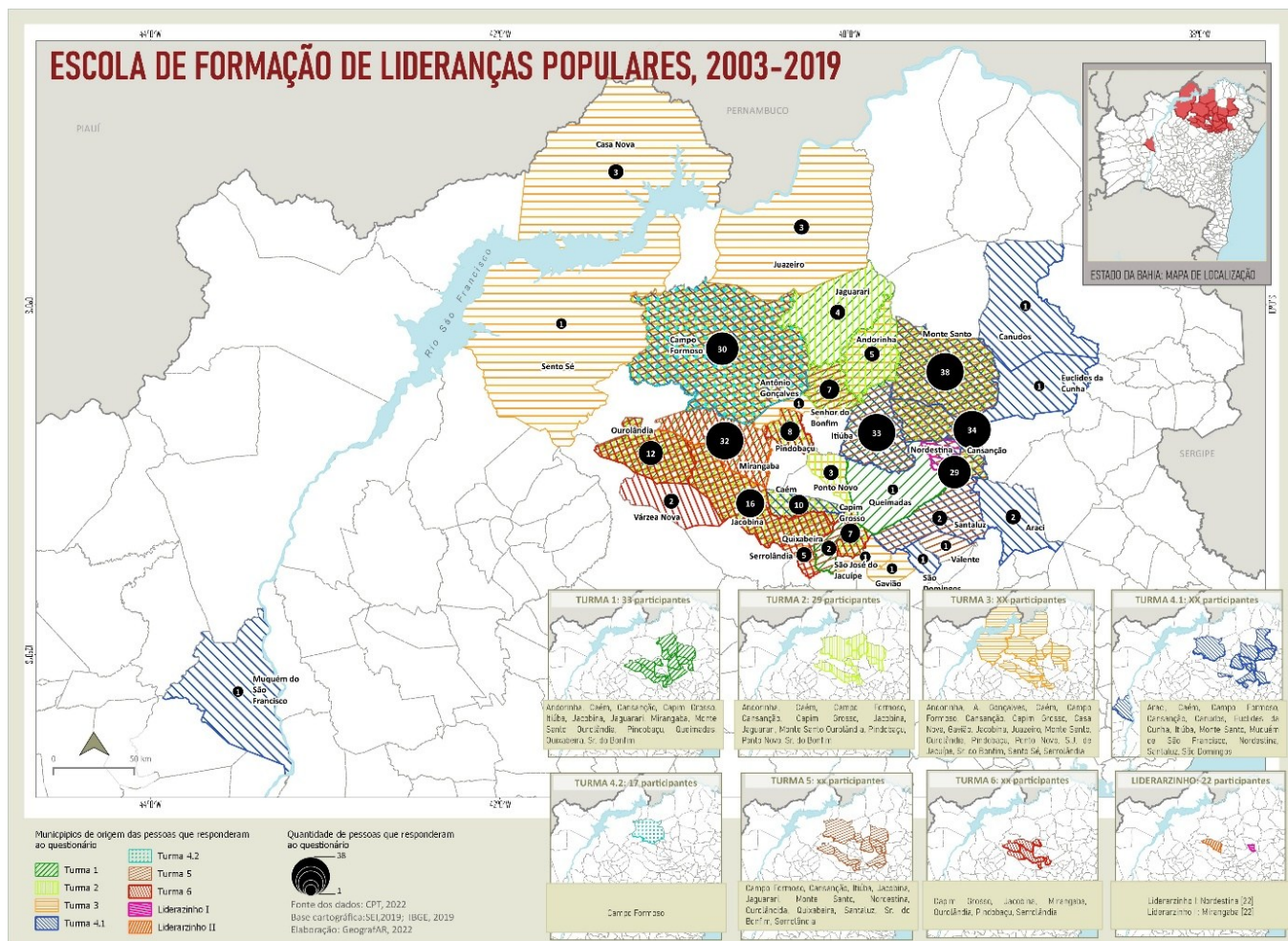
A experiência popular a ser sistematizada pelo educando é de livre escolha e propõem-se que esse resultado seja apresentado em formato de relatório como etapa conclusiva do processo formativo. A proposta de sistematização segue os passos metodológicos propostos por Oscar Jara Holliday³ e Elza Maria Falkembach⁴.

A espacialização da experiência de formação entre os anos de 2003 e 2019 pode ser vista no Mapa na Figura 1. Nestes anos, o Liderar contou com 255 participantes, além das turmas do Liderarzinho com outros 62. Estes números devem ser multiplicados por outros, posto que na volta dos liderandos/as às escolas públicas e às comunidades repassam seus aprendizados aos participantes de seus ciclos de relacionamentos, e isto é uma tarefa assumida como compromisso durante o processo de formação.

³ HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematização de experiências**. João Pessoa, Ed Universitária. UFPB, 1996. Disponível em: <https://www.ufpb.br/redepopsaude/contents/biblioteca-1/para-sistematizar-experiencias/para-sistematizar-experiencias-livro-oscar-jara.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2026.

⁴ FALKEMBACH, Elza Maria. **Sistematização, a arte de ampliar cabeças**. Ihuí, Ed. Unijuí, 2007. Disponível em: <https://enfoc.org.br/system/arquivos/documentos/89/f1293uma-arte-de-ampliar.pdf>. Acesso em 27 fev. 2026.

Figura 1 – Escola de Formação de Lideranças Populares-Liderar: 2003 a 2019



Fonte: Centro Norte/Diocese do Bonfim (BA), 2022

Os participantes eram originários de 33 municípios do Centro-Norte Baiano: Monte Santo, Cansanção, Itiúba, Mirangaba, Campo Formoso, Nordestina, Jacobina, Ourolândia, Caém, Pindobaçu, Capim Grosso, Senhor do Bonfim, Andorinha, Serrolândia, Jaguarari, Casa Nova, Juazeiro, Ponto Novo, Araci, Quixabeira, Santaluz, Antônio Gonçalves, Canudos, Euclides da Cunha, Gavião, Muquém do São Francisco, Queimadas, São Domingos, São José do Jacuípe, Sento Sé, Valente e Várzea Nova.

Vivenciando o Liderar em Itiúba

Acreditar na educação libertadora,
Provocar diferentes visões:
Terra e vidas ameaçadas e agredidas,
Vidas do mundo perdendo o trilho, a direção.
Pela educação amorosa podemos construir pontes,
Que nos unam em cada recanto,
Luz de esperança plantada em cada liderando.
Correndo para proteger
Os diferentes modos de vida ameaçados: ...
(Edite Diniz, 2025)

A formação da 8ª Turma do Liderar se deu entre os dias 27 e 29 de novembro de 2025 na Escola Família Agrícola de Itiúba. Esta cidade está situada no Semiárido baiano, com uma população em torno de 35 mil habitantes, adornada pela Serra de Itiúba que traz belos e inesperados contornos para quem espera uma paisagem catingueira típica do semiárido. A Escola Família Agrícola de Itiúba (Figura 2) como local de uma turma surge como proposta e desejo no ano de 2005, mas apenas em 15 de fevereiro de 2010, se iniciam as aulas, mesmo com obras inacabadas.

Figura 2: Escola Família Agrícola de Itiúba, Bahia



Foto: Arquivo pessoal, 2025.

A EFA de Itiúba faz parte da Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido (REFAISA), que congrega outras 12 EFAS: Rio Real, Inhambupe (Alagoinhas), Ribeira do Pombal, Iará, Valente, Monte Santo, Correntina, Brotas de Macaúbas, Paratinga, Antônio Gonçalves, Sobradinho, Japoatã (Ladeirinhas).

De acordo com informações na plataforma da REFAISA⁵⁵, a EFA de Itiúba tem como objetivos:

1. Possibilitar aos filhos (as) de agricultores uma aprendizagem voltada para sua realidade, através do manejo adequado dos recursos naturais, em particular da caatinga (vegetação predominante e em processo de extinção).
2. Estabelecer um sistema de ensino contextualizado onde os pais de alunos façam parte deste sistema e sejam agentes de transformação na comunidade.
3. Procurar tecnologias de desenvolvimento sustentável e adaptável ao semiárido, possibilitando a convivência nesta região.
4. Demonstrar na prática, que esta região é viável e que os trabalhadores não precisam migrar para viver, buscando com isso soluções para a redução do êxodo rural.

A preocupação principal é com a juventude, para que ela seja sujeito de transformação social, a partir do ensino, dos seus locais de origem, priorizando a prática do trabalho de base.

O GeografAR, Grupo de Pesquisa da UFBA, que neste ano de 2026 completa 30 anos de árduo trabalho nas trincheiras da universidade pública -, atua em várias frentes em parceria com a CPT. Afortunadamente, tenho a honra e a alegria de atuar em parceria com a CPT, mais especificamente, nos lançamentos anuais dos Cadernos de Conflitos no Campo e na Campanha de Combate ao Trabalho Escravo. Outros colegas, pesquisadores do GeografAR, já estiveram apoiando o Liderar em outros anos. E, neste ano, quando surgiu o convite para assessorar a formação da 8ª Turma, em Itiúba, me voluntariei. Mesmo com o pouco tempo extra que o trabalho na universidade impõe, algo me chamava para estar nesse

⁵⁵ <https://refaisa.org/escolas/itiuba/>

momento junto à juventude do campo, em um movimento de alguns dias, alimentando esperanças junto com a CPT.

O GeografAR atua em pesquisas e atividades de extensão, muito imbricadas em um metodologia denominada “Pés no Chão”, que se inspira na educação popular, na Pedagogia da Libertação, no trabalho de base, no fazer junto, no olhar e na escuta. Portanto, com muitos pontos de contato com o que se versa nas EFAs e no Liderar.

A atividade de formação do Liderar se une a estes objetivos e, durante três dias, a EFA de Itiúba recebe outros jovens de outras EFAs, que estão no mesmo caminho de se formar como lideranças transformadoras de suas realidades.

Os três dias são de intensa atividade. Os jovens liderandos/as chegam de suas escolas de origem prontos para o início da jornada com olhares curiosos e responsáveis. Alguns adultos estão presentes no grupo. Nessa turma contamos com 26 participantes dos municípios de Andorinha, Antônio Gonçalves, Cansanção, Campo Formoso, Capim Grosso, Filadélfia, Itiúba, Juazeiro, Monte Santo, Pindobaçu, Ponto Novo, São José do Jacuípe, Senhor do Bonfim.

Antônio Célio de Castro, da CPT Centro-Norte / Bonfim, coordena tudo com uma animação juvenil de quem acredita na força transformadora que estes dias podem promover nestes jovens e em nós mesmos.

Os jovens se reúnem em grupos, por sorteio, de acordo com uma divisão de tarefas que são rotacionadas ao longo dos dias de atividade em torno de organização do espaço, animação, mística e trabalho na cozinha.

No quadro ele escreve os nomes daqueles e daquelas que irão inspirar essa jornada: Zumbi dos Palmares, Roseli Nunes, Nega Pataxó, Carlos Augusto (do Assentamento Jabuticaba). São nomes importantes de lutadores e lutadoras nas questões que tanto influenciam a vida desses jovens do campo, muitos deles tiveram as suas vidas ceifadas em conflitos agrários. Continuam presentes nas lutas, no imaginário e na inspiração também para os dias que virão para estas jovens referências em suas comunidades e territórios.

E aí nos inserimos, na tratativa do tema da questão agrária na Bahia, seus conflitos, suas resistências e enfrentamentos.

A atividade começa com a mística de abertura, bandeiras dos movimentos representados são expostas, oferendas demonstram que “se o campo não planta, a cidade não janta”, instrumentos de trabalho sertanejo, materiais de formação representando a importância da formação que ali nos convoca, a fé que anima os trabalhos e as lutas (Figura 3).

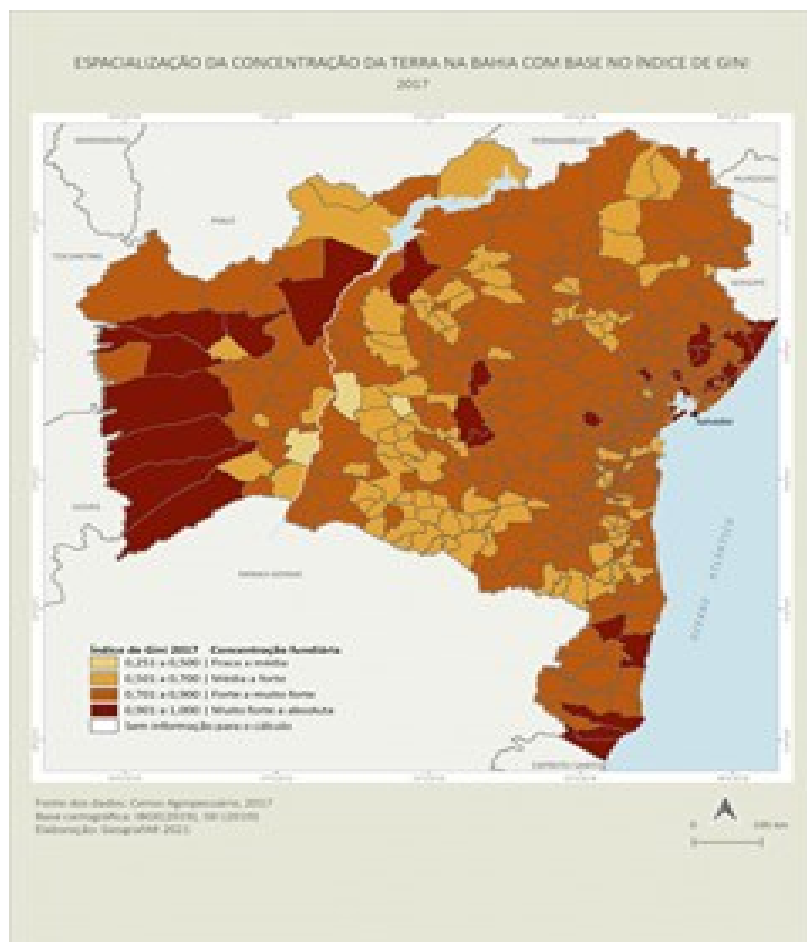
Figura 3 – Mística e animação



Foto: Arquivo pessoal, 2025.

Trabalhamos a questão agrária em duas dimensões: a estrutura fundiária da Bahia e sua extrema concentração (Figura 4). Assim exploramos a formação socioeconômica do país, para chegarmos nos dados da estrutura fundiária do Brasil e da Bahia. Apoiamo-nos em Martins (1983, p. 169): "a propriedade da terra no capitalismo não é, como parece, apenas um dado, um número, um tamanho. A propriedade da terra no capitalismo é, fundamentalmente, uma relação de capital, uma relação social de produção".

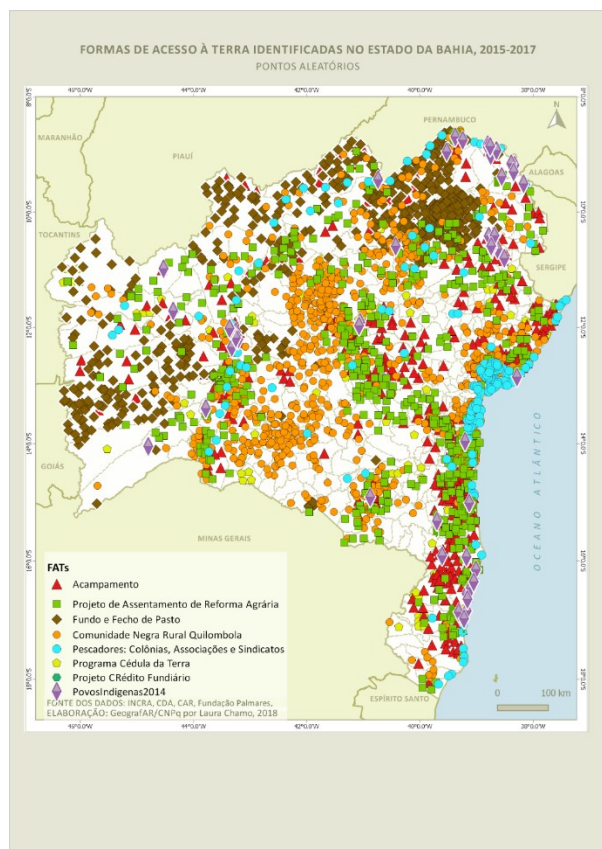
Figura 4 – Espacialização da concentração fundiária na Bahia com base no índice de Gini, 2017



Fonte: www.geografar.ufba.br

Por outro lado, tratamos dos pontos luminosos de esperança que são os movimentos sociais baianos e suas lutas pela terra, água e condições de produção e comercialização, das questões que envolvem as diversas categorias de camponeses e suas formas de resistência e enfrentamentos nos conflitos (Figura 5), conforme Andrade e Oliveira (2019).

Figura 5 - Formas de Acesso à Terra Identificadas na Bahia 2015 a 2025



Fonte: www.geografar.ufba.br

A resistência se constrói primeiramente no indivíduo, tanto na escala do sujeito, quanto de sua família ou comunidade. Assim, o próprio modo de vida do camponês, com suas práticas de convívio com a natureza, a despeito de suas próprias contradições, é em parte a materialização dessa resistência. Esta pode ser fortalecida e ampliada por via da construção política do “sujeito coletivo” numa ação contra-hegemônica da ordem dominante (Scott, 1990). O enfrentamento passa a ser entendido como a ação de resistência construída e realizada coletivamente a partir dos espaços de “socialização da política” (Fernandes, 2005). Assim, o enfrentamento abrange e supera a noção de resistência.

Após o diálogo sobre estes temas, fizemos um exercício em grupo que revelasse a estrutura fundiária, mas também os pontos luminosos que são os grupos sociais que enfrentam e dão vida a estes territórios. Em grupo, de acordo com seus locais de origem, os liderandos/as trabalham a realidade de seus territórios com base nos dados da estrutura

fundiária⁶, das diversas formas de acesso à terra⁷ e no Geografando nos Quilombos da Bahia⁸. Muitos trouxeram atualizações dos dados revelando uma conexão concreta com a realidade em seus locais de origem.

Os diversos depoimentos, tanto na apresentação quanto na avaliação final da atividade, revelam as intenções de cada qual nesse processo formativo, o que anima os participantes para o que virá e o que ficou desse momento intenso de atividades.

Aí também se encontram as diversas gerações que passaram pelo Liderar, como no caso de Crispim, do Projeto de Assentamento (PA) Novo Paraíso, do Movimento dos/as Trabalhadores/as Assentados/as e Acampados/as e Quilombolas da Bahia (CETA) e da EFA de Itiúba, que fez parte da 1ª Turma. Ele define que *"aqui é nossa luta. Fazer juntos. Sozinho não se consegue fazer nada. Lutar por nossa verdadeira identidade"*.

E Daniela Moraes, da Comunidade de Saco Fundo, atualmente educadora na EFA Itiúba, que traz *"a importância de mobilizar nossos ancestrais, principalmente as mulheres, que trazem nossos traços. Conectar com processos de luta pela terra e pela educação buscando o processo de transformação de nossas comunidades"*. A presença de outras gerações, também envolvidas no processo, reafirma a importância na formação de lideranças.

Os jovens trazem sua história de vida e o amor pela comunidade, como no caso de Vinicius Pereira Hora, da EFA Itiúba, da Comunidade Capim Grosso, que diz "quando se estuda nas EFAs e no Liderar, a gente sente nossas lutas conectadas com o nosso trabalho".

Raissa de Souza, do PA Paraíso e da EFA Itiúba, traz o que os/as conectam são os *"saberes, a luta. Gerar e receber novos conhecimentos, novas amizades, mobilizando a juventude e adquirindo liberdade"*.

Assim, a formação incorpora espaços de interação, comunicação e socialização política integrados por camponeses e seus filhos/as (Fernandes, 2005).

⁶ <https://geografar.ufba.br/estrutura-fundiaria>

⁷ <https://geografar.ufba.br/formas-acesso-terra>

⁸ <https://www.quilombosdabahia.com.br/>

Finalizando a atividade, a bela mística foi presenteada com o poema de Edite Diniz, cujos trechos adornaram o início dos tópicos deste texto, e João Pedro Santana que poetizou a juventude pulsante do Liderar:

"Força e Resistência

*No balanço dessa terra,
Onde o tempo é professor,
Ecoa a voz dos antigos,
Semeada com suor.
É raiz que nunca quebra,
Que a liberdade sempre celebra,
Feita com luta e com amor.*

*Dos quilombos às aldeias,
Da enxada ao tambor,
Ecoa a resistência viva
De um povo sonhador.
É fogo que nunca se apaga,
Mesmo quando o mundo traga,
A força que vem do ardor.*

*Cada passo é memória
Dos que vieram a caminhar,
Cada canto é vitória
Que ninguém vai apagar.
É coragem que se celebra,
Mesmo quando na noite não enxerga,
E insiste em nos testar.*

*Negro, indígena, acampado,
Todo o povo a se unir,
Erguendo a própria voz
Sem jamais desistir.
É luta que nunca fraqueja,
Mesmo que a dor nos alveja,
Pois nasceram pra resistir.*

*E mesmo que o mundo tente
Nos calar e dividir,
A esperança segue forte,
Pois nasceu pra prosseguir.
É fé que ninguém quebra,
É sonho que sempre se celebra,
E insiste em ressurgir.*

*E no pulsar dessa história,
Que insiste em repetir,
Há um chamado ancestral
Que ninguém pode impedir.*

*É vida que nunca esmaece,
É caminho que o tempo celebra,
Pois nascemos para RESISTIR.*

*E assim o povo declara,
Sem jamais se distrair,
Que a força da resistência
Segue firme a conduzir.*

*É a chama que nunca quebra,
É futuro que se celebra,
RESISTIR PARA EXISTIR.”*

O Liderar é isso, um espaço de transpor a resistência para fortalecer o enfrentamento coletivo. A construção de espaços formativos interativos e comunicativos promovendo ação transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diferenças constitutivas de um país forjado na escravidão, na produção de monocultivos para a exportação revelam um passado-presente ainda a ser transformado.

A exclusão das populações pobres dos frutos do chamado desenvolvimento segue presente nas comunidades rurais deste país. Famílias com pouca ou sem-terra, com pouca ou nenhuma educação formal, lutam para garantir a produção e a reprodução da vida em um campo cada vez mais conflituoso.

A estrutura agrária extremamente concentrada e as expulsões e expropriações apoiadas em violência aliadas aos altos índices de analfabetismo e o fechamento de escolas rurais demonstram o projeto de desenvolvimento ainda em curso que não reconhece e não respeita homens e mulheres pobres do campo como sujeitos de direitos. Projeto esse que desvaloriza o campo e suas possibilidades para as famílias que nele vivem, dificultando e muitas vezes inviabilizando suas permanências no espaço rural.

Este texto tem o compromisso de relatar que experiências alternativas e emancipadoras como a do Liderar, que é feita dentro do possível, mas com muito cuidado, trazem resultados concretos em formar lideranças na autonomia necessária para um projeto verdadeiramente transformador de nossa sociedade. Seria um grão de areia no deserto,

então? Não; melhor seria a figura de um umbuzeiro, frondoso, fortalecido com suas batatas-raízes resistentes, cheias de seiva, e longos ramos coletivos frutificando no esperar da juventude.

AGRADECIMENTO

Agradecemos imensamente à Comissão Pastoral da Terra pela parceria e confiança em nome dos companheiros Ruben Siqueira e Antônio Célio de Castro.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. L.; OLIVEIRA, G. G. **Território de resistência e enfrentamento: a experiência do Assentamento Dois Riachões, Bahia**. [S. l.: s. n.], 2019.

CPT CENTRO NORTE/DIOCESE BONFIM. **Sistematização da experiência da Escola de Formação de Lideranças Populares-Liderar (2003 a 2019)**. Senhor do Bonfim: [s. n.], 2022.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Questão agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. In: BUAINAIN, Antonio M. (ed.). **Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

FONEC. **Nota pública de denúncia contra o fechamento de escolas do campo, das águas e das florestas no Brasil**. [S. l.], 2026. Disponível em: <https://fonec.org/nota-publica-contra-fechamento-de-escolas-do-campo/>. Acesso em: 27 fev. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERMANI, Guiomar Inez. Questão agrária e movimentos sociais: a territorialização da luta pela terra na Bahia. In: COELHO NETO, A. S.; SANTOS, E. M. C.; SILVA, O. A. (org.). **(GEO)grafias dos movimentos sociais**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010. p. 269-304.

IBGE. **Censo 2022: taxa de analfabetismo cai de 9,6% para 7,0% em 12 anos, mas desigualdades persistem**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40098-censo-2022-taxa-de-analfabetismo-cai-de-9-6-para-7-0-em-12-anos-mas-desigualdades-persistem>. Acesso em: 27 fev. 2026.

INCRA. **Lançado pacto para erradicação do analfabetismo nas áreas de reforma agrária do Nordeste**. [S. l.], 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/noticias/lancado-pacto-para-erradicacao-do-analfabetismo-nas-areas-de-reforma-agraria-do-nordeste>. Acesso em: 27 fev. 2026.

MARTINS, José de Souza. **Expropriação e violência: a questão política no campo**. São Paulo: Hucitec, 1980.

RAMOS, Núbia dos Reis *et al.* (org.). **Educação do Campo**: múltiplos olhares. Campinas: Pontes Editores, 2025. v. 2, 290 p. (Série Diagnósticos das Escolas do Campo da Bahia).

SCOTT, James C. **Los dominados y el arte de la resistencia**: discursos ocultos. México: Ediciones Era, 2000. (Colección Problemas de México).

Dados de autoria

Gilca Garcia de Oliveira

Possui graduação em Engenharia Agrônoma pela Universidade Federal de Lavras (1993) e doutorado em Economia Rural pela Universidade Federal de Viçosa (2001). Atualmente é professora da Universidade Federal da Bahia lecionando as disciplinas Desenvolvimento Socioeconômico, Teorias do Desenvolvimento, Desenvolvimento Comparado e Economia Rural. Atua no Programa de Pós-graduação em Economia (PPGE/UFBA) e no Programa de Graduação em Geografia (POSGEO/UFBA). Membro dos Grupos de Pesquisa GeografAR e GEPODE. Atua também como educadora e pesquisadora popular junto a movimentos e organizações populares na Bahia nas áreas de Economia Rural, Conflitos: Resistência e Enfrentamento; Trabalho Análogo a de Escravo; Mulheres no campo e suas Re-existências. E-mail: gilca.oliveira@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5548-7651>.

Edite Luiz Diniz

Possui graduação em Geografia pela Universidade Católica do Salvador (1993) e mestrado em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (2007). Foi professora do Colégio Estadual Alaor Coutinho até (2006). Atualmente é professora pesquisadora do Grupo de Pesquisa GEOGRAFAR (UFBA) desde (2008). E-mail: dinizgeo@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7999-4299>.